

Entrevista com Sonia Cyrino

Por Ev'Angela B. R. de Barros* e Arabie B. Hermont**

Professora Associada do Departamento de Linguística (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas), Sônia Maria Lazzarini Cyrino atua na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Sintaxe Gerativa e Mudança Diacrônica. Com uma produção vasta e reconhecida no Brasil e no exterior – trabalhos que incluem teoria gramatical, sintaxe diacrônica e comparativa, em especial a investigação sobre objetos nulos, movimento de verbo, sistema pronominal e estrutura do DP no português brasileiro e línguas românicas – acabou de regressar de um pós-doc na Universidade Stony Brook, em Nova York (1º semestre de 2016), período em que aprofundou seus estudos sobre objetos nulos no PB, conforme nos expõe a seguir.

* Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Coordenadora Adjunta do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas.

** Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

Barros e Hermont: Como você vê hoje o cenário da Linguística no país? Em que direções percebe o avanço dessa ciência no Brasil?

Cyrino: A Linguística cresceu muito no Brasil nos últimos anos. Se observarmos a área, é possível constatar um aumento considerável da pesquisa em termos de publicações, dissertações e teses, especialmente a partir dos anos 80.

Vou comentar o cenário dos estudos formais em Linguística, minha área de investigação. Iniciei meus estudos em Linguística em 1984, quando fui fazer o Mestrado na University of Iowa, Estados Unidos. Nessa época, era comum haver, nesse país, muitos Departamentos em que a Gramática Gerativa era investigada e ensinada. Quando voltei ao Brasil em 1986 e comecei a pensar no Doutorado, percebi que havia aqui poucas instituições com pesquisas dentro desse quadro teórico. Fui para a Unicamp em 1990, um dos centros em que havia um grupo de gerativistas. Terminei o Doutorado em 1994 e, de lá para cá, tenho constatado um impressionante o crescimento dos estudos formais no Brasil.

Vejo o cenário da Linguística Formal no Brasil com muito otimismo. Em várias partes do país, podemos constatar agora grupos envolvidos em pesquisas diversas, abordando vários fenômenos e investigando o português brasileiro

de maneira a contribuir para estudos comparativos, tão importantes dentro dessa perspectiva teórica. Vejo que temos um belo futuro e uma grande potencialidade, temos muitos jovens pesquisadores interessados em avançar nessa ciência e projetar o Brasil no cenário da Linguística internacional.

Barros e Hermont: A Gramática Gerativa, desde sua versão inicial, passou por inúmeras revisões e desdobramentos, quer baseadas em percepções de seus defensores sobre discrepâncias internas ou lacunas teóricas, quer a partir de críticas dos que a imputavam como excessivamente formalista e insuficiente para explicar certos aspectos da língua em sua existência real. Como você contextualiza a abordagem gerativa, hoje, em termos de valor descritivo e explicativo?

Cyrino: Creio que os avanços realizados nos últimos anos têm contribuído cada vez mais para a percepção do valor dos estudos teóricos dentro da abordagem gerativa. Posso citar, inclusive, a contribuição relevante da assim chamada “Sociolinguística Paramétrica”, enfoque inaugurado no Brasil a partir dos interessantes estudos de Mary Kato e Fernando Tarallo no final da década de

80, e que demonstraram que é possível desmitificar a Sintaxe Gerativa como sendo “excessivamente formalista e insuficiente para explicar certos aspectos da língua em sua existência real”. É inegável que os estudos atuais em sintaxe formal dentro da abordagem gerativista, e no Brasil especialmente, trazem contribuições importantes para o desenvolvimento da teoria, principalmente pelo enfoque comparatista que esses estudos favorecem e pelas descobertas que apresentam acerca da capacidade da linguagem.

Aponto, como exemplo, os estudos surgidos a partir dos anos 90 sobre as diferenças entre o português brasileiro ao português europeu sob a perspectiva gerativista. Além desses, recentes estudos têm comparado o português brasileiro ao português africano, com o intuito de detectar propriedades comuns e investigar a hipótese da influência das línguas africanas na sintaxe das variedades do português que se desenvolveram em situação de contato. Cito ainda a importância dos estudos diacrônicos sobre o português brasileiro realizados sob a perspectiva gerativista e baseados em *corpora* diversos, que têm descoberto como várias particularidades de nossa língua se desenvolveram ao longo do tempo.

Esses são alguns exemplos de como o enfoque da Sintaxe Gerativa, que

supõe um aporte teórico percebido como “abstrato”, tem produzido frutos bastante concretos para o entendimento da complexidade linguística na formação da língua portuguesa em sua variedade brasileira. Estudos dessa natureza, ao desvendar aspectos sincrônicos, diacrônicos e comparativos, levantam, em consequência, questões relevantes para uma teoria que pretende explicar propriedades inerentes à capacidade humana para a linguagem.

Barros e Hermont: Nas duas últimas décadas, suas pesquisas sobre objeto nulo têm trazido contribuições à compreensão de aspectos do Português Brasileiro, que precisam ser encaixados e correlacionados a outros fenômenos de mudança diacrônica pelos quais passa o PB. Essa perspectiva sociolinguística (que toma por base o texto fundador de Weinrich, Labov e Herzog, 1968, entre outros, e se consolida com os estudos de Kato e Tarallo e seguidores, a partir dos anos 1980), amplamente valorizada nos estudos do PB, encaminha para certa perspectiva de análise linguística que se contrapõe à visão formalista e instrumental do aparato gerativista. Que aspectos positivos e negativos você vê nesta abordagem que tenta conciliar olhares discrepantes?

Cyrino: Não creio haver uma tentativa de conciliar olhares discrepantes na abordagem da chamada “Sociolinguística Paramétrica”, a partir de estudos de Kato e Tarallo. Trata-se de uma abordagem que se utiliza de uma metodologia específica, mas comporta um leque de hipóteses formais acerca de fenômenos sincrônicos e diacrônicos.

Em toda a investigação em sintaxe, é preciso observar um fenômeno e analisar sua relação com outros fenômenos da língua (e de outras línguas) para avançar uma proposta que seja compatível com a Gramática Universal, cuja realidade creio ser um fato inquestionável atualmente – observem-se os resultados de diversos estudos diacrônicos tipológicos atuais e também aqueles obtidos nas áreas de Psicolinguística, Neurolinguística e Aquisição da Linguagem, entre outras. Fatores sociais, portanto, fazem parte inegável de um estudo sobre a sintaxe de uma língua, mesmo que sob o ponto de vista formal, pois apresentam realidades que devem ser consideradas na análise do fenômeno linguístico.

Barros e Hermont: Grande parte de seu trabalho reside no estudo e na busca da compreensão do “objeto nulo”. Como você analisa essas ocorrências do objeto nulo, em especial se se contrapuser a

variante brasileira à variante europeia do português?

Cyrino: O objeto nulo (ausência da expressão fonológica do complemento do verbo) tem sido o tópico de vários estudos a partir dos anos 80, com o advento da teoria de Princípios e Parâmetros. O tópico de estudo surgiu devido à discussão sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo. A observação de que algumas línguas permitem que o complemento do verbo também seja fonologicamente nulo colocou naturalmente a pergunta: haveria um parâmetro do objeto nulo? A questão tem se colocado também em termos da distinção tipológica entre línguas orientadas para o sujeito e línguas orientadas para o discurso, as últimas permitindo sujeitos e objetos nulos pelo fato de estes poderem ser salientes ou dados no discurso, a ordem das palavras determinando a carga informacional dos constituintes.

Um dos primeiros trabalhos sobre o objeto nulo no português enfocou o português europeu e é de Raposo (1986). O autor propõe que o objeto nulo dessa língua devia ser considerado uma categoria não-pronominal (em termos técnicos, deveria ser uma “variável”, isto é, o vestígio do movimento de um operador nulo a uma posição de tópico). O argumento de Raposo para essa análise é o fato de que essa categoria vazia não

pode ocorrer dentro de certas estruturas, as chamadas “ilhas” para o movimento (estruturas em que o movimento de uma categoria para uma posição externa não é possível).

Para o Português Brasileiro, logo surgiram trabalhos mostrando as diferenças desse fenômeno em relação ao Português Europeu. Notadamente, o objeto nulo não poderia ser o mesmo tipo de categoria uma vez que as sentenças consideradas agramaticais na variedade europeia são perfeitamente possíveis em português brasileiro.

Na minha tese de Doutorado (Cyrino 1994) mostro que o objeto nulo do Português Brasileiro é, na realidade, resultado de eclipse de sintagma nominal. A proposta surge a partir de um estudo diacrônico que analisa a ocorrência de elipses proposicionais no português brasileiro. Eclipse proposicional é a lacuna em uma sentença em que o antecedente é uma sentença ou predicado, e que pode ser substituída por um clítico neutro (invariável) “o” em outras línguas românicas como o português europeu, o espanhol, o italiano, o francês, o catalão. Esse estudo mostra a queda desse clítico e o paralelo crescimento do objeto nulo no português brasileiro. A partir daí, continuei a investigar o fenômeno com o intuito de verificar se a proposta para o objeto nulo do português brasileiro como resultado de eclipse de sintagma nominal

poderia ser sustentada.

Uma outra diferença entre o objeto nulo das duas variedades de português é o fato de que o português brasileiro, ao contrário do europeu, restringe objetos nulos a antecedentes inanimados. Essa restrição é explicada em minha tese como sendo consequência da mudança sintática: a perda do clítico neutro teria levado ao aumento de objetos nulos com antecedentes que tenham o mesmo tipo de traço, ou seja, antecedentes não-animados.

Barros e Hermont: Uma das críticas reiteradas que se faz ao ensino universitário brasileiro reside no fosso existente entre o que se ensina na academia e o que se espera em termos de formação do egresso. No contexto atual, como professora e pesquisadora brasileira, atuando em uma universidade pública, em que se oferecem formações de âmbito acadêmico e de cunho profissionalizante - portanto num contexto bem concreto e específico -, quais os desafios que percebe em termos de ensino de Língua Portuguesa (ensino fundamental e médio) e de Linguística (ensino superior)?

Cyrino: Essa é uma pergunta importante, mas receio que pouco tenho a dizer no que

se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Percebo o estudo da Linguística nos Cursos de Letras como altamente relevante, pois traz uma compreensão maior sobre os fenômenos linguísticos e capacitam o aluno, futuro professor de Língua Portuguesa, a atuar nas situações concretas de ensino da língua. Já vai longe a abordagem tradicional que trata o ensino da Língua Portuguesa como a proposta de que o aluno deve alcançar um certo nível (de prestígio) de linguagem, eliminando assim os “erros” de seu português.

Por outro lado, vejo a importância do ensino da Gramática, mas de uma perspectiva que incentive o questionamento formal; em outras palavras, uma perspectiva que trate esse estudo como “ciência”. Nesse sentido, o conhecimento da gramática da língua integraria os conhecimentos científicos como outros quaisquer – os da biologia, da química, da física – que a escola precisaria difundir. A meu ver, a Linguística contribui para a formação dos professores de Língua Portuguesa ao difundir a ideia de que o papel da escola não é o de apenas ensinar coisas “práticas”, mas também o de incentivar o espírito investigativo no estudo da linguagem. Creio haver várias propostas atuais que adotam esse ponto de vista sobre o ensino da Gramática, mas não tenho certeza se de fato estão sendo postas em prática no Brasil.

Barros e Hermont: Cada concepção de linguística faz operar com distintas perguntas teóricas. Quais as “perguntas” que, neste momento, movem a sua investigação, considerando que acabou de retornar de um pós-doc na Universidade Stony Brook, em Nova York. Que fenômeno, em especial, você pesquisou neste período? Poderia nos contar um pouco de suas conclusões sobre este tema?

Cyrino: Em meu recente estágio de pesquisa no exterior, voltei a um aspecto que julgo ainda não estar totalmente resolvido em relação à possibilidade de o português brasileiro apresentar objetos nulos. Trata-se da restrição de animacidade.

O assunto é interessante, pois uma observação recorrente no estudo da realização do objeto em algumas línguas românicas é o fato de que o traço [animacidade] parece determinar a forma que o objeto toma. Na pesquisa que iniciei no pós-doutorado e que tenho continuado, investigo esse tema, abordando fenômenos que envolvem esse traço, e que foram observados separadamente na literatura sobre as línguas românicas (especialmente Marcação Diferencial do Objeto, leísmo e a Restrição Caso-Pessoa, e o objeto nulo do português brasileiro).

Após estudar esses fenômenos, apresento

uma proposta para explicar o efeito da animacidade na sintaxe, em que relaciono as hierarquias semânticas apresentadas na literatura funcionalista à estrutura sintática.

Vários fenômenos linguísticos foram explicados através de hierarquias de referencialidade/semânticas especialmente em estudos tipológicos e funcionalistas. Porém, o poder explanatório de tais hierarquias é duvidoso se considerados dentro de uma perspectiva formal, pois não está claro qual seu papel dentro do quadro teórico. Mais recentemente, a literatura formalista tem proposto que tais hierarquias podem ser tratadas como sendo efeitos de princípios gramaticais. É uma abordagem interessante, pois apresenta a possibilidade de se tratar hierarquias antes vistas como generalizações tipológicas como sendo um efeito de princípios sintáticos.

Meu trabalho tem procurado investigar a ideia de que traços como animacidade sejam formalizados na estrutura sintática (Cyrino 2016). Seus efeitos seriam, portanto, uma consequência de operações sintáticas. Mais especificamente, o sintagma nominal animado deve ser movido para uma posição estruturalmente acima daquela em que foi inicialmente concatenado. O inanimado, por outro lado, não se move. Se isso for verdade, podemos entender vários fenômenos, como a Marcação Diferencial do

Objeto e o objeto nulo do Português Brasileiro e, ainda, podemos explicar as construções de duplo objeto em que essa “ordem hierárquica” é obedecida. Acredito que esse é um caminho de pesquisa que poderá ser explorado em futuros estudos abrangendo outras línguas e outros fenômenos que tornam evidente o relevante papel de traços de referencialidade na sintaxe.

Referências

Cyrino, S. **O objeto nulo no português brasileiro** – um estudo sintático-diacrônico. Tese de Doutorado. Unicamp, São Paulo, 1994.

Cyrino, S. **Animacidade e a realização do objeto nas línguas românicas**: um estudo comparativo. Relatório Final de Bolsa de Pesquisa no Exterior, FAPESP, processo 2014/17477-7. 2016.

Raposo, E. On the null object in European Portuguese. In O. Jaeggli and C-S. Corvalán (eds.) **Studies in Romance Linguistics**, Dordrecht: Foris, 1986. pp. 373-390.